



ISSN: 2674-8584 V2 – N2– 2023

O LUTO E SEUS RITUAIS DE DESPEDIDA NA VISÃO DA PSICANÁLISE

Jéssika Barbosa Salgado¹

Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

Rafaela Vieira Casemiro²

Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

Thais Cerqueira Menezes Rodrigues³

Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

Polyana Barbosa Schimith⁴

Professor orientador do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES

Lucio Onofri⁵

Professor de TCC Unidocum Teófilo Otoni

Recebimento 15/05/2023 Aceite 01/07/2023

RESUMO

A pandemia do covid-19 modificou o modo de vida do mundo, inclusive no Brasil, que teve um alto índice de mortalidade. Os ritos de passagem sempre tiveram mudanças ao longo dos séculos, principalmente na cultura ocidental, porém, na pandemia do covid-19, isso se mostrou de forma significativa e repentina, devido ao distanciamento social os mesmos foram suspensos, afim de diminuir a proliferação do vírus. Abordar a psicanálise no estudo, possibilitou o entendimento de como o trabalho de luto acontece para a elaboração efetiva frente a perda do objeto amado, e os efeitos causados pela dificuldade de enfrentamento do mesmo. Esse artigo teve como objetivo principal investigar como fica o processo de luto quando não é oferecido ao enlutado a possibilidade da despedida, além disso, foram analisados a importância dos rituais de despedida para o trabalho do luto, e conseqüentemente, investigou-se o impacto psíquico causado pela impossibilidade da realização dos rituais e cerimônias fúnebres. No artigo, foi utilizado como método científico a pesquisa bibliográfica que proporciona um melhor aprofundamento sobre o tema abordado, conseguindo fazer um levantamento de diversas questões relacionadas a covid-19 e o trabalho de luto nesse novo cenário pandêmico, de forma sensível realizada pela pesquisa qualitativa. Por meio da psicanálise, podemos evidenciar a relevância em adotar os rituais de despedidas para a elaboração completa do luto, por existir, o laço social fundamental para a dor ser compartilhada e com isso, transforma-la em sofrimento, conseguindo fazer, com que, esse processo de luto seja concluído.

¹ Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

² Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

³ Graduanda do curso de psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

⁴ Professor orientador do Curso de Psicologia da Faculdade Doctum de Serra/ES.

⁵ Professor de TCC Unidocum Teófilo Otoni

Palavras-chave: Luto; Pandemia; Covid-19.

Abstract: The covid-19 pandemic changed the way of life in the world, including in Brazil, which had a high mortality rate. The rites of passage have always changed over the centuries, especially in western culture, however, in the covid-19 pandemic, this was shown in a significant and sudden way, due to social distance they were suspended, in order to reduce the proliferation of the virus. virus. Approaching psychoanalysis in the study made it possible to understand how the work of mourning happens for the effective elaboration in the face of the loss of the loved object, and the effects caused by the difficulty of facing it. The main objective of this article was to investigate how the grieving process is when the bereaved are not offered the possibility of farewell, in addition, the importance of farewell rituals for the work of mourning was analyzed, and consequently, the psychic impact was investigated. caused by the impossibility of carrying out funeral rituals and ceremonies. In the article, the bibliographic research was used as a scientific method, which provides a better understanding of the topic addressed, managing to survey several issues related to covid-19 and the work of mourning in this new pandemic scenario, in a sensitive way carried out by qualitative research. Through psychoanalysis, we can highlight the relevance of adopting farewell rituals for the complete elaboration of mourning, because there is a fundamental social bond for pain to be shared and, with that, transform it into suffering, managing to make, with that, this grieving process is completed.

Keywords: Grief. Pandemic. COVID-19.

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2019, foram descobertos os primeiros casos de COVID-19 (também conhecida como Coronavírus), uma doença provocada pelo vírus denominado SARS-CoV-2, que tem como principais sintomas “febre, tosse, dificuldade de respirar, redução do paladar e do olfato” (AQUINO *et al.*, 2020, p. 2425). Ela chamou atenção devido a sua alta transmissibilidade e, por consequência, seu potencial para ocasionar um número absoluto de mortes maior do que em outras epidemias atravessadas anteriormente (AQUINO *et al.*, 2020). Inicialmente, a preocupação era principalmente com pacientes idosos ou com comorbidades que afetam o sistema imunológico, pois estavam mais suscetíveis aos quadros graves da doença (LANA *et al.*, 2020).

No Brasil, os primeiros casos foram registrados no final de fevereiro de 2020. Logo em seguida, em março daquele ano, a Organização Mundial de Saúde (2020) declarou que o mundo vivia a situação pandêmica do novo Coronavírus. A partir de então o que se viveu foi a “proliferação de angústia e de incertezas em torno da pandemia que nos atravessa e atinge como humanidade” (MENEZES; LUXARDO,

2020, p. 8); a incerteza sobre esse vírus novo, o medo de contaminação, além da dor da perda de um ente querido, compuseram o cenário que vivemos ao longo da pandemia. Vivemos um cenário em que a COVID-19 foi “ceifando vidas, destruindo sonhos e mutilando sentimentos, famílias e redes de amizades” (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 56). De acordo com Schuler (2021), a pandemia de COVID-19 foi a que apresentou maior casos de mortalidade e contaminação de toda nossa história, já tendo ocasionado, em junho de 2022, a morte de mais de 6,26 milhões de pessoas no mundo (Coronavírus Resource Center, 2022).

Desde o início da propagação da COVID-19, vêm sendo adotadas ações que visam o controle da pandemia, incluindo algumas medidas não farmacológicas como distanciamento e isolamento social, uso de álcool 70%, higienização de mãos, e superfícies, além de máscaras cobrindo o nariz e a boca (MARTINS; GUIMARÃES, 2022).

Embora muitas vezes isolamento e distanciamento social sejam todas como sinônimos, existem diferenças entre essas formas contenção da propagação do SARS-CoV-2. O isolamento ocorre quando há a separação (ou isolamento) de pessoas que contraíram o vírus daquelas não infectadas, assim, reduz-se o risco de transmissão. Nesse caso, é necessário que o diagnóstico já tenha sido constatado para que o isolamento seja realizado. Por outro lado, considerando que transmissão ocorre por meio de gotículas respiratórias, o distanciamento social tem a finalidade de reduzir interação e contato social.

No Brasil, foram adotadas uma série de medidas que visavam restringir o contato físico, entre elas, podemos citar: o fechamento de escolas, que passaram a funcionar com aulas remotas; o fechamento de locais de trabalho com incorporação do teletrabalho por muitas empresas; a suspensão de alguns tipos de comércio; restrição de atividades de lazer, com objetivo de evitar aglomerações (AQUINO *et al.*, 2020). Importante frisar que achados científicos indicam que essas medidas têm o potencial de diminuir a transmissão da doença (AQUINO *et al.*, 2020; MARTINS; GUIMARÃES, 2022).

O isolamento e, principalmente, o distanciamento social impuseram mudanças no modo de laço social (SCHMIDT *et al.*, 2020). Em um contexto no qual o medo de adoecer, morrer ou perder alguém em função da COVID-19 nos atravessava, também tivemos que lidar com os impactos das medidas de precaução na saúde mental. Humor deprimido, ansiedade, nervosismo e alterações no sono, estiveram entre as

implicações psicológicas diretamente relacionadas à COVID-19 (BARROS *et al.*, 2020).

As medidas de isolamento e distanciamento social também dificultaram e, em algumas situações até impossibilitaram, a realização de rituais de despedida, tanto “daqueles em situações como a iminência da morte” quanto da realização de rituais funerários (OLIVEIRA *et al.*, p. 56). Conforme foi noticiado na imprensa, em Manaus, o sistema funerário chegou a uma situação de colapso e os corpos passaram a ser enterrados em valas comuns (ALBUQUERQUE, 2020).

Para Combinato e Queiroz (2006, p. 210), morrer, tal como nascer, é parte do ciclo de vida do ser humano e, do ponto de vista estritamente biológico, esse momento é natural e esperado. É verdade que durante a pandemia, esse fato biológico, ganhou outros contornos, uma vez que foram muitas mortes num curto prazo de tempo. Além disso, para o ser humano, a vida não é marcada apenas por fatos biológicos, mas “principalmente, pelos aspectos simbólicos, ou seja, pelo significado” que atribuímos às experiências. Ao longo de toda história da humanidade, foram adotados rituais como forma de atribuir sentido à perda de alguém querido. Nesse sentido, o processo de luto e os rituais que o envolvem são marcadamente experiências subjetivas de elaboração da perda.

De acordo com Freud (1915/2010a, p. 172), o luto é a reação diante da perda de um ente amado, que comporta um doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo e a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor, além de afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido. Freud é bastante preciso ao indicar que a dor descreve o estado do enlutado. Se perder um ente querido é sempre doloroso, como fica o processo de luto quando não é oferecido ao enlutado a possibilidade da despedida?

Seguindo as pistas deixadas por Freud, Bianco e Costa-Moura (2020, p. 3) afirmam que “viver a morte como contingente passa a ser a condição para que a vida tenha chance de se exercer e de continuar”. Os rituais que cercam o morrer oferecem ao enlutado condições de simbolizar a perda por meio do laço social. Dito de outro modo, diante da perda da pessoa amada, o enlutado precisa de suporte psicológico para que possa elaborá-la simbolicamente. Os rituais podem ser entendidos como laços sociais que possibilitam a expressão de sentimentos, inclusive por meio do choro, e a troca de experiências sobre o trabalho do luto, que contribuem para enfrentar e superar a perda e retomar a vida (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Considerando o cenário da pandemia de COVID-19, esta pesquisa teve como objetivo analisar a importância dos rituais de despedida para o trabalho do luto. Especificamente, interessou investigar o impacto psíquico causado pela impossibilidade da realização dos rituais e cerimônias fúnebres.

A pesquisa sobre o tema do luto e os rituais de despedida ao longo da pandemia de COVID-19 é de suma importância para auxiliar aquelas pessoas que viveram a dolorosa perda de um ente querido durante a pandemia, momento em que, além do alto número de mortes, houve a impossibilidade do ritual de despedida. Além disso, o profissional da psicologia deve estar atento e inteirado sobre esse assunto que irá aparecer em grande escala dentro nos diversos *settings* terapêuticos, já que, ocorreram vários lutos que não obtiveram seus rituais convencionais realizados.

MÉTODO

A fim de atingir os objetivos desse projeto, foi utilizado o levantamento bibliográfico. A pesquisa bibliográfica é interessante porque começa com uma minuciosa revisão de artigos, revistas e das diversas obras feitas, agregando mais valor ao trabalho desenvolvidos através de fontes fidedignas e selecionadas para aprofundamento e coesão ao tema. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

Buscou-se uma compreensão sobre o tema abordado conciliada pela metodologia qualitativa que visa os conceitos éticos de uma pesquisa, gerando uma discussão sobre o modo de vida de uma sociedade que foi de alguma forma afetada pela pandemia, causando assim, uma significativa mudança na perspectiva de muitas famílias e culturas, que teoricamente define como se dá o processo do luto e as estruturas dos rituais de despedidas (MARTINS, 2004). Utilizou-se também, de alguns instrumentos explicativos de fatos já analisados por outros autores, possibilitando investigar como a psicanálise aborda a importância do luto e de seus rituais de despedida durante o processo pandêmico e quais implicações psicológicas na saúde mental dos indivíduos. O Instrumento é explicado de forma simplificada e sensível sobre as informações tanto social e cultural dos acontecimentos que o trabalho relata.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Pandemia de COVID-19

No final do ano de 2019, foi descoberto um vírus que chamou muita atenção devido a sua rápida proliferação que, em junho de 2022, já ocasionou a morte de mais

de 6,26 milhões de pessoas no mundo (Coronavírus Resource Center, 2022). O vírus denominado SARS-CoV-2, causador da doença conhecida como Coronavírus ou COVID-19, teve o seu primeiro caso registrado no Brasil no final de fevereiro de 2020. Desde então, a incerteza sobre esse vírus novo, medo de contaminação, além da dor da perda de um ente querido, acometeram milhões de brasileiros (ANDRADE, 2022). Segundo os dados levantados por Schuler (2021), foi a que apresentou maior casos de mortalidade e contaminação.

O cenário Brasileiro é assombroso: em um período de aproximadamente dois anos e quatro meses (entre fevereiro de 2020 e junho de 2022), o Brasil registrou 667 mil óbitos em função de COVID-19 e 31,2 milhões de pessoas contaminadas. O Brasil figura em terceiro lugar no ranking de países com mais óbitos, no entanto, apresenta uma população menor que os dois países que aparecem nas primeiras posições (Índia e EUA) (Coronavírus Resource Center, 2022).

Para Nardi, Neto e Abdo (2020), pandemia afeta as pessoas de diferentes formas, a única certeza é que todos foram afetados direta ou indiretamente por ela, seja por quem o contraiu, quem lida com as sequelas, quem perdeu seu emprego, quem viu um ente querido sofrer, quem perdeu um ente querido, quem sofreu com transtornos psicológicos durante o distanciamento, e inúmeras outras situações.

Os sujeitos, ao enfrentarem a COVID-19 de perto, não estavam preparados para o que poderia vir a ser uma questão maior do que a própria COVID-19, nesse caso, ao lidar consigo mesmo acabam encarando uma dificuldade que é manifestada de maneiras distintas perante o novo, o que pode gerar falta de desejo que corresponde a crescente perda de sentidos da vida (PREUSS; PEROTTI; SHUCK, 2020).

Em função das medidas de distanciamento e isolamento social, necessárias para a contenção da propagação do vírus, a pandemia trouxe prejuízos sobre as formas de interação social. Nesse sentido, a pandemia exerceu influência na saúde mental e física das pessoas, impactando diretamente em sintomas psíquicos já existentes ou gerando transtornos psíquicos e sentimentos de angústia, medo ou até mesmo o estresse pós-traumático, além de estar presente no cotidiano das pessoas causando ansiedade, depressão e pânico (NARDI; NETO; ABDO, 2020).

Importante frisar que as práticas de isolamento e distanciamento trouxeram benefícios, já que permitiram que muitas atividades continuassem a ser realizadas mitigando os impactos da expansão da pandemia (AQUINO *et al.*, 2020). Por outro

lado, isso não ocorreu sem prejuízos, já que “vemos a vida cotidiana, o estilo de vida, os hábitos, os costumes e as relações completamente mudadas e ameaçadas em sua própria existência (BIANCO; COSTA-MOURA, 2020, p. 3-4). De forma inesperada, houve uma diminuição das relações face a face, que passaram a ser mediadas pelas telas, telefones, entre outras ferramentas de comunicação (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Diante das mudanças abruptas, em vários aspectos da vida, provavelmente, ainda não foi possível alcançar os impactos da pandemia na saúde mental (ANDRADE, 2022; NARDI; NETO; ABDO, 2020). No entanto, alguns estudos já indicam que a saúde mental da população tem sido impactada de forma negativa. Entre os principais sintomas estão: depressão, ansiedade e estresse pós-traumático, confusão e raiva (SCHMIDT *et al.*, 2020); ansiedade, tristeza, nervosismo, solidão, dificuldade para dormir e medo (BARROS *et al.*, 2020).

Há um dado que se destaca: o sentimento que os estudos mais relataram foi o **medo** (ANDRADE; 2022; AZEVEDO *et al.*, 2022; BARROS *et al.*, 2020; CREPALDI *et al.*, 2020; DANTAS *et al.*, 2020; GIAMETTEY *et al.*, 2022; JORGE; MELLO; NUNES, 2020; LIMA *et al.*, 2020; BIANCO; COSTA-MOURA, 2020, LOPES *et al.*, 2021; MENEZES; LUXARDO, 2020; OLIVEIRA *et al.*, 2020; REIS *et al.*, 2021; SCHMIDT *et al.*, 2020; VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020). Na perspectiva de Freud (1926/2014), o medo é um sentimento que surge diante de um perigo iminente. Nesse sentido, esse dado é coerente com o momento vivido, pois muitos eram os perigos enfrentados. Entre outros, podemos citar: a possibilidade de adoecer, de morrer, de perder pessoas queridas, de perder o emprego (JORGE; MELLO; NUNES, 2020; PEREIRA; SOBRAL, 2021; SCHMIDT *et al.*, 2020).

Além disso, num país marcado pelas desigualdades socioeconômicas, onde o acesso à saúde, em muitas situações, é privilégio de uma pequena parcela da sociedade, a adesão às medidas de prevenção também não é para todos. Segundo Oda e Leite (2020, p. 469), quem precisa trabalhar e “ganhar o dia a dia para sobreviver dia a dia” não teve a opção de aderir à quarentena, ao isolamento social ou até mesmo ao uso de máscara. A conjuntura não foi fácil para ninguém, no entanto, para famílias de baixa condição socioeconômica, certamente foi muito pior, uma vez que muitos não tiveram ao menos possibilidade de aderir a práticas de prevenção à COVID-19, ou seja: não puderam se quer se proteger dos perigos da pandemia. Além disso, havia outros perigos, muitas vezes, a preocupação não recaía sobre a possibilidade da contaminação pela COVID-19, porque a própria sobrevivência estava

ameaçada. A “tensão econômica e incerteza sobre o futuro” foram ampliados pela pandemia (BARROS *et al.*, 2020. p. 7).

Na perspectiva de Jorge, Mello e Nunes (2020, p. 590), para além das questões socioeconômicas já vividas no Brasil há séculos, o modo como a pandemia foi conduzida pelo Governo Federal agravou a situação do país. O combate à pandemia foi guiado pelo negacionismo em relação à gravidade da situação e pela disseminação de informação falsas por parte da própria máquina estatal. Assim, o que suportamos durante a pandemia foi um “massacre traumático”. Nesse mesmo sentido, Andrade (2022) constatou o descaso do Estado brasileiro com o cenário pandêmico, apontando que esse descaso foi responsável pela alta do número de mortes de brasileiro por COVID-19.

Todo esse cenário de incertezas foi agravado pela avalanche de informações, sobre a pandemia da COVID-19, acessadas pela população, muitas delas em tempo real, o que, por si só, já causou medo. Para além disso, agravando esse cenário, houve a ampla disseminação de mitos e informações falsas sobre a infecção em si, as medidas de prevenção e sobre as vacinas. Inclusive, algumas delas veiculadas por integrantes do Governo Federal (JORGE; MELLO; NUNES, 2020; LANA *et al.*, 2020; SCHMITD *et al.*, 2020)

A chegada da COVID-19 sobrecarregou o sistema público de saúde que historicamente já enfrenta problemas. Com o aumento dos atendimentos relacionados à COVID-19, muitos serviços que antes eram direcionados a outras condições clínicas agudas e crônicas, sofreram uma redução para que fosse possível acolher todas as demandas relacionadas à COVID-19 (NARDI; NETO; ABDO, 2020).

Esse é o retrato de uma pandemia devastadora que atingiu milhões de pessoas, devido a forma como o vírus se propagou, e para manter o distanciamento social os rituais de despedidas convencionais na cultura ocidental, como o velório com caixão aberto e com a presença de familiares e amigos, que é o momento em que o sujeito concretiza a perda e ali demonstra os sentimentos ligados a ela, foram suspensos, dando lugar a um enterro rápido e sem cerimônias, o que provoca a não despedida, onde não há manifestação de dor da perda socialmente, gerando a não concretização da mesma (GIAMATTEY *et al.*, 2022).

Pensando nesses aspectos, guias foram confeccionados e disponibilizados gratuitamente e on-line para pessoas que perderam um familiar em tempos de pandemia. Assim, esse tipo de material aborda algumas sugestões de rituais de despedida pessoais e sociais a distância. No primeiro, é tratada a importância do enlutado externalizar sua dor

através de registros escritos, cartas e desenhos, além de estimular a conexão com as memórias a partir de fotos ou vídeos. Ou seja, incita o sujeito a ir ao encontro do seu sofrimento para que possa vivenciá-lo. (NASCIMENTO, 2020. p.83).

Giamattey *et al.* (2022) mostram que, devido ao intenso número de mortes provocadas pela COVID-19 em uma curta escala de tempo, ocorreu uma necessidade de abertura de valas comunitárias para que se enterrassem os mortos, com isso, houve uma sequela na saúde mental daqueles que perderam um ente querido, de modo que, essa despedida se apresentasse mais dolorida, já que ali foi enterrado histórias vividas por pessoas que tinham um vínculo afetivo, impossibilitando a despedida.

A pandemia da COVID-19, remete a um cenário catastrófico, uma vez que a catástrofe é a experiência do indivíduo perante um acontecimento traumático que gera uma mudança brusca, abalando e transformando de alguma maneira a percepção de mundo que ele possui, exigindo um novo modo de viver (VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020). Andrade (2022) ressalta que a confirmação desse momento de “catástrofe” seria quando os indivíduos passam a falar sobre a pandemia da COVID-19 e o que ela trouxe para suas vidas diante do luto, nesse caso, é onde de fato o processo de cura acontece, pois, a dor se transforma e, portanto, é algo possível de ser elaborado.

Com isso, verificaram-se ações coletivas para a mudança e adaptação relacionadas a essa nova realidade, principalmente sobre a busca de como encarar uma despedida frente a esse cenário, pois houve um trauma sob os acontecimentos durante a pandemia, ocorrendo pânico e desamparo que só fizeram mal para uma boa parte da população em situação de vulnerabilidade social.

O impacto da pandemia na elaboração do luto

Segundo Sigmund Freud (1915/2010a), o luto é uma reação a uma perda, seja ela a perda concreta da pessoa amada, ou mesmo uma abstração que remete à perda do ente amado, como um ideal, pátria ou mesmo a liberdade. Durante o trabalho do luto, o enlutado vive um estado de inibição, no qual há dificuldade em investir e fazer laço com o mundo externo. Isso ocorre, pois, toda energia está empenhada justamente em promover o desligamento do investimento que anteriormente estava dirigido àquele objeto perdido. Assim, são elencadas três características típicas do luto: perda de interesse pelo mundo externo (já que lá não se encontra mais o objeto

amado); perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor; o afastamento de toda atividade que não se ligue à memória do falecido.

Uma vez que haja uma constatação de que objeto amado não mais existe, o enlutado precisa dar início ao trabalho do luto, isto é, a ligação anteriormente estabelecida com o objeto perdido precisa ser interrompida, para isso é necessária que o investimento libidinal seja retirado de tal conexão. Mas Freud (1915/2010a) nos alerta: “observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia” (p. 173). Logo, desfazer tal conexão não é tarefa das mais fáceis.

Esse abatimento desencadeado pelo luto diz respeito ao difícil processo de reorganização das relações do sujeito enlutado com o mundo, no qual já não se verifica mais o objeto perdido. Trata-se mesmo um “delicado processo de transformação dos investimentos libidinais que davam um colorido particular a nossas vidas” (VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020, p. 279). A grande transformação a ser operado ao longo do trabalho do luto é uma reinvenção de nós mesmos, porém, sem que isso implique na perda de nós mesmo, como ocorre na melancolia. Em outras palavras: dar início a esse processo de transformação do mundo e de reinvenção de si mesmo.

Freud (1915/2010a) opõe o afeto do luto, compreendido por ele como normal, à melancolia. Nesta, diante das mesmas condições estabelecidas para o luto, além das três características do luto anteriormente citadas, encontramos também “diminuição da autoestima” (p. 172). Num estado melancólico, não é apenas o mundo que não tem mais interesse, por meio de uma identificação com o objeto perdido, o Eu se torna pobre e vazio. Um quadro grave de melancolia pode desencadear um suicídio.

A elaboração do luto não tem um tempo previamente determinado, pois o mesmo ocorre de diferentes formas e tempos para cada pessoa, esse processo pode ser rápido ou mais demorado, dependendo de como o trabalho do luto é vivido por cada sujeito (DANTAS *et al.*, 2020).

Para que o processo de luto tenha sucesso, em primeira instância, é necessário que a perda seja reconhecida. Ou seja, a morte do ente amado precisa ser admitida por aquele que sofre (DANTAS *et al.*, 2020). O cerimonial fúnebre, “pode ser entendido como um momento oportuno de confirmação da morte, uma vez que é possível se deparar com o corpo sem vida e se despedir do mesmo” (NASCIMENTO, 2020, p.

82). Isto é, nesse momento há a confirmação que o acontecido é irreversível. Para Dantas *et al.* (2020, p. 515), cabe “à cultura amparar esse processo através de ritos de passagem, cuja função é gradualmente estabelecer e confirmar essa nova ordem”.

Além disso, os rituais e cerimoniais que marcam a despedida de um ente querido são importantes para o trabalho do luto, pois são momentos propícios para que o enlutado possa expressar, de diferentes formas, o seu sofrimento e, em alguns casos, reunir os familiares, conhecidos e amigos, e todos compartilharem da mesma dor. Durante o cerimonial fúnebre, os enlutados veem e tocam o corpo do morto, despedem-se; nesse momento surge a evidência que o sujeito precisava para ter certeza da morte do ente amado: é a constatação de uma realidade irreversível. Nesse instante marcado pela dor, são trocadas experiências com as pessoas presentes na celebração de despedida (DANTAS *et al.*, 2020).

Se considerarmos com Freud (1915/2010a) que o luto é um “doloroso abatimento”, logo, que é a dor que descreve o estado do enlutado, ao longo do processo do luto, trata-se mesmo de apaziguar essa dor causada pela perda. Os rituais que cercam o morrer oferecem ao enlutado condições de simbolizar a perda por meio do laço social, possibilitando a expressão de sentimentos, inclusive por meio choro, além da troca de experiências sobre o trabalho do luto, que contribuem para enfrentar e superar a perda e retomar a vida (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Isto é: se a dor é vivida por cada um de modo singular, é preciso transformá-la no sofrimento, enquanto um trabalho compartilhado (VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020).

Bianco e Costa-Moura (2020) vão na mesma direção, consideram que os rituais de despedidas contribuem para uma efetiva elaboração do luto, pois a mesma se dá com o laço social, onde as pessoas compartilham de suas experiências, choros e falas sobre o sofrimento e a tristeza. Os rituais unem o indivíduo ao social, de forma que ocorre uma organização pulsional após a morte do objeto amado, a fim de fazer o enlutado encontrar uma nova identidade dentro da comunidade que está inserido.

No ano de 2020, após a OMS declarar que o mundo vivia uma pandemia de COVID-19, a prática dos rituais e cerimoniais fúnebres foi alterada (NASCIMENTO, 2020). Como forma de prevenção a COVID-19, foram adotadas medidas de distanciamento e isolamento social, que impactaram em nos nossos modos de vida habituais. Essas medidas de precaução podem acarretar diversos problemas, como “angústias, padecimento, aflições, incertezas” (PEREIRA; SOBRAL, 2021, p. 31).

Para além disso, o laço social, o modo como interagimos socialmente foi alterado (BIANCO; COSTA-MOURA; 2020; SCHMIDT *et al.*, 2020).

Na pandemia, a experiência da perda de um ente querido esteve envolvida num contexto que pode ter contribuído para prejuízos ao trabalho do luto (PEREIRA; SOBRAL, 2021). Atendendo às medidas de prevenção à COVID-19, os rituais ou foram impedidos de ser praticados ou foram modificados, para que não houvesse aglomeração e uma conseqüente proliferação do vírus. Devido a isso houve um afastamento das pessoas em relação ao momento de despedida, como velório e funeral (NASCIMENTO, 2020).

Como dito anteriormente, o funeral é um momento em que a dor do luto é compartilhado com a comunidade, fazendo do laço social um meio para a perda do ente querido seja simbolizada (BIANCO; COSTA-MOURA; 2020). Durante a pandemia, a exigência do distanciamento social para prevenir a proliferação do vírus, acarretou limitações rigorosas aos rituais e cerimoniais de despedidas: Caixões lacrados, corpos em sacos pretos, sepultamentos em valas comunitárias. De modo que a família e amigos de vítimas de Covid-19, “executam um ritual incompleto, sem nunca voltar a ver o corpo que conheceram e amaram” (AZEVEDO *et al.*, 2020, p. 516).

Para Freud (1915/2010a), essa “tão dolorosa” (p. 174) tarefa de elaborar a perda é “cumprida pouco a pouco com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento” (p. 174). Nesse aspecto, é interessante notar que durante o trabalho do luto, quando pouco a pouco o objeto amado é desinvestido, a existência do objeto de investimento é psiquicamente prolongada. Assim, apenas ao fim do processo de luto o sujeito está pronto para reinvestir em outros objetos. Porém, para que tudo isso se opere, a realidade da ausência do objeto no mundo externo precisa prevalecer sobre a tentativa do enlutado de se afastar da realidade.

Com as modificações repentinas nos rituais e cerimoniais fúnebres, em virtude da pandemia, houve um estranhamento por conta da situação em si, o que tornou o enfrentamento ao luto ainda mais complicado e propício para dificultar esse processo (NASCIMENTO, 2020). Como já dito anteriormente, os cerimoniais fúnebres são momentos repletos de “simbolismo invocados pelo corpo, que pode ser tocado, lavado, vestido e contemplado uma última vez. Ver o corpo traz concretude à morte e nos prova que enterramos a pessoa certa (DANTAS *et al.*, 2020, p. 516). Houve uma interdição do momento crucial para a percepção da concretude da perda, para “a

passagem da dor crua e indizível ao sofrimento possível e elaborado” (VERZTMAN; ROMÃO-DIAS, 2020, p. 284).

Azevedo *et al.* (2020) ao relatarem o acompanhamento de pessoas que perderam entes queridos em função da covid-19, narram “A dor de não ter estado lá” (p. 518):

Os familiares enlutados que temos atendido nos trazem, quase invariavelmente, com muito pesar, o fato de não terem podido realizar os rituais e cerimônias fúnebres que faziam parte de seus hábitos sociais. Tal interdição aparece, em suas falas, associada a uma sensação ou sentimento de irrealidade que, se em outras circunstâncias já é frequente no momento inicial do luto, na impossibilidade de ver e tocar o corpo adquire uma intensidade muito maior. (AZEVEDO *et al.*, 2020, p. 517)

Em alguns casos, ocorre um luto antecipatório, quando o processo de luto é iniciado ainda durante a hospitalização de uma pessoa amada (CREPALDI *et al.*, 2020). Nessa circunstância há possibilidade de estar com a pessoa amada pela última vez e fazer, por exemplo, uma declaração de amor, arrepender-se de algumas situações vivenciadas e, por fim, o último adeus. Com a pandemia, ficou perceptível a impossibilidade de a despedida de fato acontecer, pois já no início há uma separação, quando o indivíduo fica internado e não pode receber visitas. Havia grande risco de contaminação no ambiente hospitalar, em função disso, o contato com as pessoas hospitalizadas por causa da COVID-19 foi impedido. Dessa forma, as pessoas eram internadas e, quando evoluíam para a morte, muitas vezes, não eram mais vistas, existindo o sepultamento com a nova face, quando “Os corpos não podem ser vestidos, tocados, contemplados” (DANTAS *et al.*, 2020, p. 516).

Na pandemia de COVID-19 estivemos “cercados e imersos em mortes em escala local, regional, nacional e global” (MENEZES; LUXARDO, 2020). Em alguns momentos, quando acessamos a informação de que foram 667 mil óbitos de brasileiros em função da COVID-19, essas mortes parecem reduzidas a um número, uma cifra. São 667 mil vidas perdidas. São 667 mil famílias vivendo o doloroso abatimento do luto. Esse número deve nos indicar a dimensão da catástrofe que vivemos. De acordo com Verztman e Romão-Dias (2020), esta é a palavra que melhor define o cenário: catástrofe. Isto é: um acontecimento inesperado, diante do qual não temos defesa, que implica toda a civilização e deixa marcas, por vezes indelévels, naqueles que atravessam essa experiência.

Quando se pensa no morrer, gera uma compreensão da morte do outro e não da própria morte, com isso, de forma inconsciente o indivíduo tende a não pensar no

que envolve uma perda, mas quando se depara com uma situação da não existência do seu objeto amado, nesse caso, enfatiza-se o ente querido, começa então a refletir sobre a própria morte. Sabe-se que a única certeza que os indivíduos possuem é a morte, entretanto, imagina-se que ela acontecerá apenas no fim da vida, sendo um equívoco pensar de tal forma, uma vez que a morte pode se apresentar em qualquer fase da existência humana (ARANTES, 2016).

A esse respeito, há uma passagem em Freud (1015/2010b, p. 230) parece descrever de forma muito lúcida o que vivemos:

A morte é o desfecho necessário de toda vida, que cada um de nós deve à natureza uma morte e tem de estar preparado para saldar a dívida, em suma, que a morte é natural, incontestável e inevitável. Mas na realidade nós agíamos como se as coisas fossem diferentes. Manifestávamos a inconfundível tendência de pôr a morte de lado, de eliminá-la da vida.

Ou seja, a pandemia de COVID-19 nos lançou na realidade.

Enfrentar uma suposição sobre o morrer mesmo estando em uma situação que de fato levará a esse fim, causa temor, já que, o esperado é que a vida tenha começo, meio e fim. Acreditando inconscientemente que são seres imortais, mesmo presenciando a morte de uma pessoa próxima, os indivíduos fogem da realidade negando a sua finitude como um mecanismo de defesa, para que ocorra essa negação, há uma predominância de sentimentos que o próprio sujeito não está preparado para lidar, provocando ambivalência entre a dor da perda e a alegria da sua então existência. (ARANTES, 2016).

Como bem nos ensina Freud (1915/2010a, p. 172), o luto não é apenas uma “reação à perda de uma pessoa amada”, ele pode ocorrer também diante da perda de “uma abstração”, na qual está incluída a liberdade. Em algum nível, todos nós fomos lançados em processo de luto (AZEVEDO *et al.*, 2020). Todo o tecido social foi afetado, seja individual ou coletivamente. De forma repentina, sem que houvesse tempo para uma preparação, as rotinas foram alteradas, o contato feito através da tela, o home office e a aula online passaram a fazer parte da rotina, que teve que ser alterado abruptamente (LIMA, 2020).

Nesse cenário já descrito em que as rotinas foram alteradas, o laço social foi modificado, o medo, a angústia diante incertezas do por vir nos atravessaram, em alguma medida, todos foram lançados num processo de luto. De acordo com Azevedo *et al.* (2020, p. 510):

São muitas as perdas: a liberdade de circular livremente, a possibilidade de nos reunirmos, as condições de trabalho, estudo e fruição que, inadvertidamente, tendíamos a dar por garantidas, e o distanciamento usual em relação à ideia da morte, constitutivo de nosso funcionamento mental.

Em função disso, contexto pandêmico foi vivido com medo, perplexidade e aturdimento (JORGE; MELLO; NUNES, 2020). O que foi corroborado pelo estudo realizado por Barros *et al.* (2020), no qual foi constatado que durante a pandemia os brasileiros se sentiram mais ansiosos, tristes, nervosos e com dificuldade para dormir. Isto é: “vivenciamos o luto não somente pelas vidas encerradas, mas também pelo confinamento, pelo distanciamento social, entre tantas outras perdas” (PEREIRA; SOBRAL, 2021, p. 31).

Numa perspectiva fenomenológica, existem cinco fases do processo do luto, mas não necessariamente essas fases são vividas na ordem em que são descritas. O primeiro estágio do luto é a negação, onde o sujeito não consegue mostrar o que está de fato lhe ocorrendo, há uma manifestação dos sentimentos relacionados a essa perda, fazendo com que ele se afaste daquela situação. O segundo estágio é a raiva, que é onde o indivíduo não aceita o acontecimento e tenta buscar respostas mesmo sabendo que não as encontrará, sendo projetada aos outros, que se encontram ao seu em torno. O terceiro estágio é a barganha, onde o sujeito recorre a fazer um acordo com a representação divina que possui, a fim de ter de volta o que se perdeu. O quarto estágio é a depressão, que é quando o indivíduo se dar conta da própria finitude, lhe causando tristeza e reflexões acerca da sua própria morte, direcionando o mesmo para o próximo estágio. O último estágio é a aceitação, que ocorre quando o sujeito aceita que o ente querido não vai mais voltar, independentemente de como tenha sido a sua partida, há uma diminuição dos sentimentos mais intensos, fazendo com que o indivíduo enlutado tenha uma tranquilidade maior para lidar com a falta do objeto amado (ARANTES, 2016; COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Para Araújo (2020), quando o enlutado passa por todo o processo de elaboração de forma adequada, fica a saudosa lembrança de quem partiu, mas que ainda continua fazendo parte da sua história, sendo assim o luto será de fato concluído.

Sendo assim, foi preciso que muitos procurassem outras formas de dizer adeus, com auxílio tanto de profissionais e informações, quanto da sociedade, que de alguma forma também estava passando por isso, e principalmente para aqueles que não tiveram estrutura nenhuma para fazer esse tipo de busca ou contato com ajuda

direta social. As novas alternativas de despedidas do objeto amado precisaram ser construídas para que o luto "normal" acontecesse, e os novos olhares entorno da vida, do agora, da fragilidade e circunstância de perda, encontra-se a validação efetiva dos sentimentos em questão da morte do ente querido, possibilitando que as etapas do luto sejam realizadas de maneira delicada, porém de forma menos impactante ao ser tratado sob o aspecto cultural (NASCIMENTO, 2020).

Na perspectiva de melhora do enlutados que precisa dirigir suas energias para coisas que possam contribuir em uma elaboração saudável, através de um suporte profissional existindo um olhar diferenciado em relação aos mesmos, “O psicólogo vai identificar figuras de apoio à família, como: amigos, comunidade, religião e promover a relação mais segura” (RODRIGUES, 2016, p. 14). Assim, as perdas tornam as pessoas vulneráveis diante da sua elaboração, sendo viável a reorganização da estrutura das situações para que o luto e seu processo sejam feitos de forma saudável e construtiva, relacionado aos afetos perdidos, os profissionais devem auxiliar o enlutado na estruturação dos projetos futuros depois da partida do objeto amado (RODRIGUES, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Covid-19 é um vírus devastador, que trouxe uma modificação significativa no convívio social, na rotina e na forma de higienização, houve também o agravamento da desigualdade social que já existia no Brasil, influenciando fortemente na saúde mental de toda uma população causando medo e outros sentimentos. A forma como as redes sociais foram utilizadas neste novo cenário, conseguiram diminuir o impacto da pandemia na vida de muitas pessoas, mas também contribuiu com o aumento das informações falsas, deixando as pessoas mais apreensivas e ansiosas com as incertezas geradas pela pandemia de covid-19. Ainda é muito recente para mensurar o impacto na saúde mental, porém alguns autores já mencionam que houve efeito negativo, e o medo foi um dos sentimentos que se destacou nessas análises.

O distanciamento foi inserido na sociedade como forma de conter a proliferação da covid-19, o que muitos não esperavam é que como indivíduos sociáveis que somos, estaríamos sendo compelidos a viver o luto por nossa liberdade ter sido privada, o medo intenso de perder algum familiar ou amigo era a companhia diária.

Diante todo exposto, é notório a importância da concretização da morte do ente querido, e da existência do laço social para que a dor da perda seja compartilhada com amigos e familiares, a fim de transformá-la em sofrimento. A não realização dos processos fúnebres, impossibilita que o indivíduo tenha a concretude do fim da vida do seu ente, não permite a externalização de todo sentimento que é gerado por esse momento, pois, apesar de ser sentida individualmente, a dor da perda de um ente querido tende a ficar mais leve, quando compartilhada.

Concluimos que o trabalho do luto não é uma tarefa fácil de ser realizada, tampouco existe determinação de tempo, ou instruções de como fazê-lo, mas o que essa pesquisa ressalta, é que com o distanciamento social imposto pela situação pandêmica vivida, milhares de pessoas tiveram esse trabalho do luto intensificado, uma vez que, não poder realizar os processos fúnebres convencionais desencadeia nesses indivíduos incertezas sobre a morte do seu ente, além de ocasionar a sensação de não ter se despedido como gostaria e esperava, e em muitos casos a ideia de que o seu ente querido e amado não teve no fim da vida os cuidados e despedida que merecia. O processo de luto quando não é oferecido ao enlutado a possibilidade da despedida é perceptível o prolongamento desse trabalho, apesar que, cada indivíduo passa por essa situação de maneiras diferentes e de forma singular.

É importante os rituais de despedida para o trabalho do luto, porque, além de concretizarem a perda do objeto amado, possibilita a expressão dos próprios sentimento diante desse adeus, dando suporte necessário para o enlutado simbolizar essa ruptura com o ente querido, juntamente com o laço social que está presente e faz parte desse momento difícil, compartilhando choro e experiência de perda, para assim, contribuírem de alguma forma a transformação da dor para o sofrimento possível de ser trabalhado, sendo um processo capaz de ser elaborado. O impacto psíquico causado pela impossibilidade da realização dos rituais e cerimônias fúnebres apresentou diversos problemas relacionados a angústia, entre outros aspectos, que para aqueles que perderam o objeto de amor vivessem essa partida de forma mais dolorosa e complexa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. **Enterros triplicam, e cemitério de Manaus abre valas comuns para vítimas do coronavírus.** Folha de S.Paulo. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/enterros-triplicam-e-cemiterio-de-manaus-abre-valas-comuns-para-vitimas-do-coronavirus.shtml>

ANDRADE, Vinícius Novais Gonçalves de. **COVID-19 E O LUTO E MELANCOLIA NA PSICANÁLISE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA CIENTÍFICA.** *Psicologias em Movimento*, v. 2, n. 1, p. 13-31, 2022.

AQUINO, Estela ML et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. suppl 1, p. 2423-2446, 2020.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqg4qT7WtPhvYr/abstract/?lang=pt>

>.

ARANTES, Juliana Castro. **Os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida.** *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. 2016, v.19, n.3 pp. 637-662. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003013>>

ARAÚJO, M. **Covid-19 e a ‘dupla morte’: como lidar com a dor de um luto sem despedida.** Portal TAB. 1/4/2020. Disponível em:

<https://www.ip.usp.br/site/noticia/covid-19-e-a-dupla-morte-como-lidar-com-a-dor-> .

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo *et al.* **Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.** *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020427, 2020.

BIANCO, Anna Carolina Lo; COSTA-MOURA, Fernanda. **Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel COVID Brasil.** Disponível em: <

<https://www.google.com/search?q=painel+covid+brasil&oq=painel+covid&aqs=chrome.2.0i512j0i433i512j0i512l8.5303j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>.

BRASIL. Organização Mundial de Saúde (OMS). 2020. Disponível em:

<https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. **Morte: uma visão psicossocial.** *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 11, p. 209-216, 2006.

Coronavírus Resource Center. Johns Hopkins University & Medicine. Recuperado em 13 mai. 2022 de: <<https://coronavirus.jhu.edu/>>.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. **Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas.** *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, 2020.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?format=html>

>.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. **O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, p. 509-533, 2020.

FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Obra originalmente publicada em 1915.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia: o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Obra originalmente publicada em 1926.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S. **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Obra originalmente publicada em 1915.

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha et al. **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações**. Escola Anna Nery, v. 26, 2022.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?lang=pt&format=pdf>>.

JORGE, Marco Antonio Coutinho, MELLO, Denise Maurano e NUNES, Macla Ribeiro. **Medo, perplexidade, negacionismo, aturdimento - e luto: afetos do sujeito da pandemia**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 2020, v. 23, n. 3.

LANA, Raquel Martins et al. **Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, 2020.

LIMA, Rossano Cabral. **Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 30, 2020.

LOPES, Fernanda Gomes et al. **A dor que não pode calar: reflexões sobre o luto em tempos de Covid-19**. Psicologia USP. 2021, v. 32.

MARTINS, Heloisa Helena T. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt#>>.

MARTINS, Thalyta Cassia de Freitas e GUIMARAES, Raphael Mendonça. **Distanciamento social durante a pandemia da Covid-19 e a crise do Estado federativo: um ensaio do contexto brasileiro**. Saúde em Debate [online]. 2022, v. 46, n. spe1, pp. 265-280. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E118>

MENEZES, R. A., & LUXARDO, N. (2020). Apresentação do Dossiê 9: **Doença e Morte**. Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer, 5(9), 5–8. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2020.v5i9.5-8>

NARDI, Antonio Egídio; NETO, Ary Gadelha de Alencar Araripe; ABDO, Carmita. **O impacto da pandemia na saúde mental**. Jornalista responsável Natalia Cuminale Ilustrações, p. 14, 2020. Disponível em: <http://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/Guia-de-saude-mental-pos-pandemia-no-Brasil.pdf#page=13>.

NASCIMENTO, Adriana Rodrigues et al. **Rituais de Despedida no contexto da pandemia covid-19: FAREWELL RITUALS IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC**. Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará, v. 14, n. 1, p. 80-85, 2020. Disponível em: <<https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/384/216>>.

ODA, Ana Maria G. R.; LEITE, Sonia. **A pandemia de COVID-19 no Brasil: em busca de sentidos em meio à tragédia**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]. 2020, v. 23, n. 3 p. 467-473. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p467.1>>.

OLIVEIRA, Eliany Nazaré *et al.* **“Aquele adeus, não pude dar”**: luto e sofrimento em tempos de COVID-19. Enfermagem em Foco, v. 11, n. 2. ESP, 2020.

PEREIRA, Celso Venter, SOBRAL, Karla Roberta Luna. **Os lutos real e simbólicos em tempos de pandemia da Covid-19 sob o olhar da psicanálise**. 2021. Disponível em: <<http://200.229.206.179/handle/123456789/640>>.

PREUSS, F. C.; PEROTTI, E. D.; LUIS SCHUK, A. **E COMO FICAM NOSSOS DESEJOS? UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A PANDEMIA DO COVID-19**. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste, [S. l.], v. 5, p. e24162, 2020. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/24162>. Acesso em: 06 de abr. 2022.

REIS, Luciana Bicalho et al. **Luto em tempos de pandemia e os profissionais de saúde: Algumas considerações**. Grief in times of pandemic and health professionals: Some considerations. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 12, p. 110276-110291, 2021.

RODRIGUES, Vânia Maria Amaral. **Uma revisão da literatura acerca do processo de elaboração do luto no sistema familiar e os manejos usados por psicólogos nesse contexto**. Psicologia. pt o portal dos psicólogos, v. 5, 2016. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0996.

SCHMIDT, Beatriz et al. **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**. Estudos de Psicologia (campinas), v. 37, 2020.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. Fundação Oswaldo Cruz, 28 de jul. 2021. Disponível em <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em 08 de abr. de 2022.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

VERZTMAN, Julio e ROMAO-DIAS, Daniela. **Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19*1**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]. 2020, v. 23, n. 2, p. 269-290. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>>.